

Ruralidade e meio ambiente: usos da terra no processo de urbanização de uma ilha ao sul do Brasil

Rurality and environment: land use in the urbanization process of a Southern Brazilian Island

Giovana Callado Ferreira
Laboratório de Imigração, Migração e História Ambiental (Labimha)
Universidade Federal de Santa Catarina
gicallado@yahoo.com.br
Florianópolis
Brasil

João Klug
Laboratório de Imigração, Migração e História Ambiental (Labimha)
Universidade Federal de Santa Catarina
joaklug@yahoo.com.br
Florianópolis
Brasil

Recibido: 2 de febrero de 2015
Aprobado: 3 de marzo de 2015

RESUMO

A Ilha de Santa Catarina é uma das capitais do Brasil que apresentou nos últimos 40 anos um significativo processo de urbanização marcado por reformas físicas, pela migração crescente de moradores de outros centros e pela transformação dos espaços, outrora intitulados como rurais, cada vez mais limitados diante da crescente especulação imobiliária. A cidade de concreto avançou, terrenos que um dia já foram espaço para a agricultura e criação de animais seguem desaparecendo. Um olhar mais atento mostra que este rural insiste em permanecer, este se reinventa dentro de um urbano que parece querer engoli-lo. O plantio de mandioca, a produção de farinha, as carreatas, trazem à tona as permanências, os conflitos, as tensões de uma Ilha que vivenciou um intenso processo de urbanização, mas que, ao contrário do que pensa o senso comum, insiste em redesenhar os limites entre o que é rural e o que é urbano.

PALAVRAS-CHAVE

Ruralidade; Urbanização; Meio Ambiente.

ABSTRACT

The island of Santa Catarina is one of Brazil's Capitals that presented a significant urbanization progress in the last 40 years, marked by physical reform, by the growing migrations of people from other centers and by the transformations of rural areas, which are getting each time more limited, increasing property speculation. The concrete city evolved, places that had been agriculture and animals creation spaces keep fading. A closer look shows that this rural insists on stay, it reinvents itself inside of an urban that looks like it wants to swallow it. The planting of cassava, the flour production, the motorcades, bring up the permanence, the conflict, the tensions of one island that lived an intense urbanization process, but, contrary to common sense, it insists in redrawing the boundaries between what is urban and what is rural.

KEYWORDS

Rurality; Urbanization; Environment.

Introdução

A Ilha de Santa Catarina está localizada na região sul do Brasil, é a capital do estado de Santa Catarina. Possui uma área de cerca de 424,4km², separada do continente pelas Bahias Norte e Sul, faz parte da região metropolitana de Florianópolis. O município de Florianópolis, com área de 436,5km² tem seus limites geográficos configurados da seguinte forma: dividido por duas porções de terras, uma refere-se à Ilha de Santa Catarina de forma alongada no sentido Norte e Sul e, a outra porção localizada na área continental, com área de 12,1km² conhecida como continente, limitando-se a oeste com o município de São José.¹

Florianópolis é internacionalmente conhecida como o lugar das mais belas praias, de natureza exuberante, paradisíacas paisagens. Lugar para onde migram todos os anos, especialmente entre os meses de dezembro a fevereiro, centenas de visitantes oriundos dos mais distintos lugares do Brasil e do mundo. Influenciados por uma intensa campanha midiática que promete aos visitantes usufruírem das “maravilhas” de um lugar em que o tempo não foi capaz de apagar os aspectos de um passado rural e que vive cercada pelo mar, pelas montanhas, pela natureza. Uma ilha cujo passado esteve ligado a uma vida voltada para a agricultura de subsistência, para a prática da pesca e da produção de farinha de mandioca.

A partir do século XIX, o aparelhamento burocrático deste pedaço de terra trouxe transformações para as populações aqui residentes, marcados por um panorama de afirmação política de uma capital sediada numa Ilha. A mesma manteve-se isolada da parte continental da cidade e do restante do estado até a década de 20 do século passado. A única ligação possível era através do mar. O isolamento só seria rompido em pleno século XX, com a construção da primeira ponte a fazer a ligação ilha Continente, a Ponte Hercílio Luz, inaugurada em 1926, hoje cartão postal e símbolo identificador de Florianópolis.

Florianópolis é uma ilha em que podemos, através de um recuo aos séculos passados, vislumbrar uma pequena cidade de agricultores e pescadores, que faziam da terra seu espaço de sobrevivência, construíam seus vínculos de pertencimento e promoviam usos da terra e do mar ligados a uma vida rural.

¹ Lima, Débora. *Ilha de Santa Catarina: desenvolvimento urbano e meio ambiente* (Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2007), 214.

Esta mesma cidade experimentou nos últimos quarenta anos um processo peculiar de urbanização. Esta transformou seus espaços, trouxe à tona novas formas de se relacionar com a terra, mas não foi capaz de apagar as vivências de um passado “rural” que hoje, promove trocas cada vez mais intensas com o mundo “urbano” e abre caminho para que seus moradores construam novos usos em relação à terra.

Os usos da terra nesta pequena Ilha do Atlântico Sul estão hoje resinificados, das pequenas lavouras de subsistência para pequenas produções voltadas para o abastecimento de bairros, criação de hortas em quintais urbanos e reelaboração de antigos cultivos com vistas a fortalecer laços comunitários de pertencimento em lugares que se transformam diante do crescimento urbano.

As transformações ambientais decorrentes dos usos da terra voltados para a agricultura remontam ao século XVIII e intensificaram-se ao longo do século XIX. Com o século XX chega ao auge o processo de urbanização que transformou os usos da terra. A valorização trazida com a inserção da Ilha nos discursos da “modernização” e da “vocação turística” trouxe a especulação imobiliária, transformou o valor de uso da terra para valor de mercado e tem promovido grandes alterações sociais, econômicas, culturais e, ambientais.

A mandioca e as ruralidades em uma Ilha em transformação

Até meados do século XVII a Ilha de Santa Catarina era uma densa floresta² habitada por índios chamados Carijós. O interesse efetivo da Coroa portuguesa em ocupar terras ao sul do Brasil está inserido nas disputas político militares de lusos e espanhóis no contexto de tentativas de exercer influência sobre a região da Bacia Platina. Após o fim da União Ibérica Portugal busca ampliar sua influência nesta região. Os protagonistas desta etapa de colonização seriam os bandeirantes paulistas que, interessados no gado existente na região Sul fundaram feitorias nesta área.

² Originalmente, as encostas da Ilha eram cobertas por floresta ombrófila densa (comumente chamada Mata Atlântica), e suas planícies, por vegetação de restingas, além de manguezais e, florestas de planície quaternária. A floresta, no caso a mata Atlântica distribuía-se por todas as encostas dos morros da Ilha...encontrando-se sua maior parte ainda existente em diferentes estágios de regeneração. Ver: Lima, Débora. *Ilha de Santa Catarina: desenvolvimento urbano e meio ambiente*. (Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2007).

Entre as bandeiras que passaram pela Ilha catarinense destaca-se a de Francisco Dias Velho, fundador da colônia agrícola, futura cidade de Nossa Senhora do Desterro. Após a morte do seu fundador, o núcleo foi quase totalmente abandonado. A Ilha, então vivia da pesca e da agricultura em regime de isolamento quase completo.³

Em 1680, a fundação da colônia do Sacramento pelos portugueses exigiu por parte da metrópole portuguesa esforços no sentido de criar pontos no litoral de apoio estratégico para a manutenção da mesma. Medidas concretas tomadas por Portugal em relação ao Sul do Brasil apontam nesta direção. Em 1739 foi criada a capitania de Santa Catarina, seguida por posterior plano de fortificação e ocupação populacional e militar da ilha.

Era importante para a Coroa a vinda de imigrantes que pudessem se adequar as necessidades de formação de um colono-soldado que atendesse aos interesses da formação de milícias bem como as necessidades de produção e abastecimento. Entre 1748 a 1756, açorianos e madeirenses chegaram ao litoral de Santa Catarina.⁴ Estes imigrantes desenvolveram uma economia tendo como base uma estrutura agrária de pequena propriedade familiar, voltado em grande medida para a subsistência.

Pode-se afirmar deste modo que, a ocupação total da Ilha de Santa Catarina e sua transformação - leia-se desmatada, com plantações agrícolas e núcleos urbanos como Desterro e demais freguesia intensificou-se no século XIX.⁵ Um livro publicado em 1900 por um literato catarinense, Virgílio Várzea, nos traz elementos deste cenário:

Vários são os ramos de exploração agrícola na Ilha de Santa Catarina, como a mandioca, a cana-de-açúcar, o milho, o feijão, o amendoim, a videira, o algodão e o café...geralmente a lavoura da Ilha pouco mais dá que o consumo de seus habitantes. É verdade que há alguma exportação, mas limitada, e constituída a bem dizer pelo amendoim, a farinha de mandioca e o café.⁶

³ Lima, Débora, *Ilha de Santa Catarina: desenvolvimento urbano e meio ambiente*, 50-59.

⁴ Campos, Nazareno José de. *Terras comunais e pequena produção açoriana na Ilha de Santa Catarina* (Florianópolis: FCC/Ed. da UFSC, 1991), 24.

⁵ Cesco, Susana. "A questão agrícola na Ilha de Santa Catarina no século XIX", *Estudos, sociedade e agricultura* 18(2): 2010, 6.

⁶ Várzea, Virgílio. *Santa Catarina: a Ilha*. (Florianópolis: Ed. Lunardelli, 1985), 177.

Dos produtos citados pelo cronista, a farinha de mandioca figura como aquele que se destacou pela importância adquirida na economia local e também no mercado de exportação. O cultivo da mandioca e a produção da farinha estiveram presentes em diferentes lugares do Brasil, assumiram uma importância primordial nos diferentes usos da terra. Por vezes no mercado de exportação, como durante a guerra do Paraguai, em outras, no atendimento de uma demanda local, acarretada pelos mercados urbanos e rurais.

Barickman em seu estudo sobre a importância da produção da farinha de mandioca para atender as demandas locais no Recôncavo Baiano, entre os séculos XVIII e XIX, conclui que a economia de exportação escravista foi capaz de fomentar um mercado local de mandioca e de outros gêneros de primeira necessidade. José Augusto Leandro também elaborou estudo sobre a produção de farinha de mandioca no litoral do Paraná na segunda metade do século XIX e concluiu que o modo de vida rural na comarca de Paranaguá era marcado profundamente pela cultura material da farinha de mandioca.

A estrutura agrária da Ilha de Santa Catarina voltou-se para a mandioca como a sua principal cultura, cuja produção levou a implantação dos primeiros engenhos de farinha.⁷ Entre as regiões da Ilha que tiveram suas bases assentadas na agricultura até o início do século XX, destaca-se a freguesia de Nossa Senhora da Lapa do Ribeirão da Ilha. É importante salientar que na economia da Freguesia do Ribeirão, embora tradicionalmente seja atribuída a esta, uma agricultura de subsistência, cabe destacar que grande parte dos proprietários possuía número considerável de escravos. Isto leva a pensar que a produção pode estar além da mera subsistência. Aqui também, destaque para a farinha de mandioca, que tinha sua unidade produtiva nos engenhos.⁸

Os engenhos estiveram espalhados por diferentes regiões da Ilha, sendo que no final do século XVIII havia mais de 500 unidades em funcionamento, com destaque para os engenhos de farinha de mandioca. A implantação desses engenhos responsáveis pela produção da farinha de mandioca trouxe transformações ambientais significativas para a então cidade de Nossa Senhora do Desterro e suas

⁷ Silva, Osvaldo Paulino da. *Arqueologia dos engenhos da Ilha de Santa Catarina* (Rio Grande do Sul: Habilis, 2007), 12.

⁸ Espindola, Ariana M. "A vida rural na Freguesia do Ribeirão da Ilha no século XIX", *Revista Santa Catarina em História*, vol. 1, n. 2, Florianópolis, Brasil, 2010.

Freguesias.⁹ Ariana Espíndola que escreveu sobre a vida rural na Freguesia do Ribeirão da Ilha no século XIX traz essa questão:

É interessante perceber como a construção de um engenho implica em uma série de alterações na paisagem, seja por causa do desmatamento, tanto para a construção como para o abastecimento do fogo, seja por causa da estrutura que será montada ao entorno para facilitar a lida rural: depósito, poço, curral, roças, senzala.¹⁰

Os engenhos não figuram sozinhos no processo de alteração ambiental ocasionados na Ilha em função da implantação das unidades produtivas de farinha de mandioca. A própria agricultura familiar aqui implementada implicou significativas alterações no ambiente. A agricultura necessita de espaço, isto significa território limpo, conseqüentemente o desmatamento de uma área.¹¹ Esta prática causou transformações ambientais também em outras partes da Ilha. Outra freguesia da Ilha que teve sua ocupação assentada na agricultura familiar foi a Freguesia da Lagoa da Conceição.

A Lagoa da Conceição é hoje um dos cartões postais da cidade de Florianópolis, procurada pelos turistas em busca de seus restaurantes à beira da Lagoa, dos esportes náuticos, das rendas produzidas artesanalmente pelas rendeiras do lugar, este é um dos pontos da cidade transformados do ponto de vista ambiental, econômico e sócio cultural a partir dos usos da terra elaborados por homens e mulheres através da agricultura.

Espíndola destaca que a agricultura praticada na Freguesia da Lagoa, no final do século XIX, era caracterizada como sendo uma dinâmica familiar onde pequenos lavradores praticavam a subsistência, trocavam ou vendiam o excedente. Esta prática agrícola é feita através da derrubada-queimada, conhecida como prática da coivara. Muitas áreas foram desmatadas neste contexto em que, utiliza-se a terra por um determinado período, até que, uma vez diminuída a fertilidade do solo, migrava-se para novas áreas.

⁹ Assim “como hoje os municípios são precedidos de uma fase chamada Distrito, antigamente o eram pela Freguesia, uma mistura de organização religiosa e política. Geralmente as Freguesia tomavam o nome da Igreja local...As vilas destacavam-se por serem unidades político administrativas coloniais com a eleição da câmara de vereadores como governo local.” VER: Lima, Débora, Ilha de Santa Catarina: desenvolvimento urbano e meio ambiente, 217.

¹⁰ Espíndola, A vida rural na freguesia do Ribeirão da Ilha no século XIX, p. 77.

¹¹ Ferreira, Gilmara de Campos. Morros da lavoura: a vida agrícola na Freguesia de Nossa Senhora da Conceição da Lagoa (1875 - 1900). Monografia de Graduação em História (Florianópolis: UFSC, 2010), 31.

Outra comunidade da Ilha, região Norte, que teve suas bases assentadas na agricultura e na pesca foi Canasvieiras. Atualmente, balneário de veraneio bastante procurado por turistas em função de suas águas calmas e quentes caracterizadas pelo seu entorno de baía. A pesquisadora Mara Lago nos diz que:

A atividade principal dos habitantes de Canasvieiras no início do século era a agricultura. De acordo com a totalidade dos informantes, naquele tempo todos plantavam. As principais lavouras eram de cebola, de mandioca para a farinha, de feijão, milho e café. Tinham chácaras (pomares) onde cultivavam frutas, principalmente a laranja, a banana, a nona. Alguns plantavam nas suas terras, outros nos terrenos de terceiros [...] ¹²

A menção que a autora faz aos usos das terras nos “terrenos de terceiros” está inserida no processo de formação econômica e social dos migrantes açorianos. As chamadas “terras comunais”, terras que eram utilizadas por membros de uma comunidade para extração de lenha e madeira, para a criação de animais ou mesmo para a prática agrícola. O uso das terras comunais era bastante comum em diferentes pontos da Ilha de Santa Catarina até os anos 1940. A partir de então se acelerou o processo de apropriação de tais áreas, seja por interesses privados, seja por interesses do próprio estado. ¹³

O processo de urbanização e valorização da terra acentuou-se a partir da década de 1970 do século XX, acelerando o processo de apropriação destas terras feitas pelo estado, pelas classes mais abastadas e, também, por pequenos produtores. Ainda que as mesmas tenham sido transformadas em áreas controladas pelo poder público ou, pela iniciativa privada, veremos mais adiante que muitos destes espaços ainda são utilizados por moradores: seja para levar o gado para pastorear, para retirar lenha ou mesmo para pequenas roças. Uma cena atual bastante comum ao longo das rodovias que levam para os balneários da Ilha é ver gado pastoreando à beira do asfalto.

Cabe mencionar que, nas primeiras décadas do século XX, muitos intelectuais no Brasil defendiam a tese de que o país precisava adentrar na era da “tecnologia”, da “modernização”, da “indústria”. Discursos inflamados falavam da necessidade de modernizar o país através de reformas urbanísticas e

¹² Lago, Mara Coelho de Souza. *Memória de uma comunidade que se transforma: de uma localidade agrícola-pesqueira a balneário*. Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais (Florianópolis, UFSC, 1983), 43.

¹³ Campos, Terras comunais e pequena produção açoriana na Ilha de Santa Catarina, 118.

também de medidas higienistas e sanitárias que faziam coro com os reformadores de então. As mudanças começariam pela capital do país, empreendidas pelo prefeito Pereira Passos, a cidade do Rio de Janeiro foi remodelada e transformada diante de um processo que fez usos de métodos violentos para excluir a população mais pobre das áreas que se desejava sanear e reformar.

Florianópolis também fora alvo de discursos de modernização e saneamento e passaria por amplo processo de reformas que incluíram a implantação de um sistema de canalização de água, a construção da primeira avenida da cidade, a implementação da iluminação pública, dentre tantas outras. Esse fenômeno contribuiu diretamente para o enfraquecimento das produções agrícolas do interior, que neste contexto passaram a ser vistas com um olhar desconfiado da “população higienizada.”¹⁴ Neste momento, o alvo das investidas urbanísticas esteve concentrado em grande parte, no centro da cidade, que teve suas ruas alargadas em conjunto com o início da construção das obras de um sistema sanitário, da implantação da iluminação pública e até mesmo da abertura da primeira avenida da cidade, a Avenida Hercílio Luz.

No entanto, é na segunda metade do século XX que sob o prisma do ideário desenvolvimentista, a Ilha de Santa Catarina foi alvo de investimentos por parte do poder público que imaginava “vincular o desenvolvimento de Santa Catarina a um futuro em que Florianópolis aparece como protagonista no estado, sendo modernizada e recebendo investimentos.”¹⁵ Esta pretensão ancorada nos discursos que colocam o estado como idealizador das políticas de planejamento, esteve ancorada na tese de que a cidade, para alcançar o caminho da modernização, da técnica e do progresso, deveria apagar as marcas de um passado rural-agrário entendido como “atrasado”. Isto reverbera uma visão dualista que tematiza a sociedade como “moderna”, “urbana” e “industrializada” em oposição a uma sociedade agrária, “atrasada”, “estagnada”.

Na prática, regiões que representavam áreas onde predominavam os modos de vida “rural” tornaram-se alvo de investidas por parte do poder público e dos setores interessados no “desenvolvimento” da capital do Estado de Santa Catarina. Entre estas se podem mencionar as regiões de Canasvieiras,

¹⁴ Ferreira, *Morros de lavoura: a vida agrícola na Freguesia de Nossa Senhora da Conceição da Lagoa (1875 – 1990)*, 49.

¹⁵ Lonh, Reinaldo L. *Pontes para o futuro: relações de poder e cultura urbana em Florianópolis. Florianópolis, 1950 a 1970. Tese de doutorado em História (Porto Alegre, UFRGS, 2002)*, 130.

Cachoeira do Bom Jesus, Jurerê, Santo Antônio de Lisboa e Sambaqui, localizadas no interior da Ilha, região norte. Janete Pasini afirma em seu trabalho sobre a Cachoeira do Bom Jesus que a ampliação do centro da cidade foi crucial para a transformação da fisionomia de Florianópolis mesmo que para isso fosse necessário colocar abaixo o velho casario e as ruas estreitas que supostamente simbolizavam o “atraso” e alargar a ocupação das áreas mais ao interior, que precisavam neste contexto, tornarem-se também espaços urbanizados e remodelados. “A cidade também deve avançar sobre a sua porção rural (o interior da Ilha) e semi-rural (as chácaras mais próximas do centro) intervindo nos hábitos e costumes populares com o intuito de limpar os traços rurais [...]”¹⁶

Urbanização, transformações ambientais e novas ruralidades

Eis que chega a década de 1970. As transformações urbanas daí advindas privilegiavam o setor de transportes e a expansão industrial. Cabe destacar a construção da rodovia SC 401 que liga o núcleo urbano central aos balneários do norte da Ilha, a rodovia SC 404, a via de Contorno Norte (Avenida Beira Mar Norte), a construção do aterro da Baía Sul, a inauguração da segunda ponte (Colombo Salles), a implantação do campus da UFSC, atraindo estudantes e intelectuais de diferentes partes do Brasil. Nesse quesito destacou-se também o papel da ELETROSUL, atraindo engenheiros e outros profissionais para a Ilha.

As mudanças atreladas às campanhas de transformação da cidade em espaço de modernidade atraíram novos migrantes que aos poucos irão transformar as facetas sociais, econômicas e culturais da cidade. Os anos 1970 trouxeram no seu bojo uma série de discursos que vislumbravam transformar Florianópolis em uma cidade moderna, turística e, sobretudo, “urbana” e não mais “rural”.

Renata Pozzo e Leandro Vidal num estudo sob os aspectos da urbanização contemporânea de Florianópolis afirmaram que a partir da década de 1990 a cidade entrou no que seria sua fase de modernização contemporânea, nesta “os capitais extra-locais (e notadamente internacionais), em forma

¹⁶ Pasini, Janete Maria. *Memória e cotidiano: a Cachoeira do Bom Jesus entre 1960 e 1970*. Monografia de Graduação em História (Florianópolis, UDESC, 2005), 33.

de investimentos imobiliários associados às bandeiras do turismo e da tecnologia, apropriam-se definitivamente do espaço urbano.”¹⁷ Ainda neste estudo, os autores defendem que, nas décadas de 90 e 2000-10 as premissas discursivas divulgadas na mídia em geral pelos representantes políticos, pelos setores ligados ao turismo pelos representantes da construção civil, trouxeram justificativas para o crescimento da cidade embasados na velha ideia de “progresso” onde o que representaria o “novo” é sempre sinônimo de meta que deve ser alcançada na busca de uma cidade ideal que se pretende edificar.

A conexão destes discursos embasados na dobradinha turismo- tecnologia tem se mostrado bastante atuante no sentido de produzir uma convincente imagem hegemônica da cidade. Projetos concretos têm saído do papel na última década. Só para citar alguns exemplos destes novos investimentos que buscam captar recursos dentro e fora da cidade e do país tem-se: a inauguração de dois novos Shoppings Centers, o Floripa Shopping Center, inaugurado em 2006 e o Shopping Center Iguatemi, inaugurado em 2007. Este último, construído em cima de um antigo manguezal. Tem também a construção do Sapiens Park,¹⁸ entre Canasvieiras e Cachoeira do Bom Jesus, numa área de 4,3 milhões de metros quadrados, na região Norte da Ilha. Na mesma região, o ainda não inaugurado Centro de Convenções de Florianópolis.

Pode se citar também as obras para a ampliação do Aeroporto Internacional Hercílio Luz, as obras de duplicação da rodovia que leva ao sul da Ilha e as discussões em torno da elaboração do novo Plano Diretor de Florianópolis, aprovado recentemente (dezembro de 2013) pela Câmara de Vereadores de Florianópolis. Estes são apenas alguns exemplos para mostrar os investimentos na Ilha que vem alterando sua paisagem e trazendo novas tensões aqueles que habitam ou trabalham nela.

¹⁷ Pozzo, Renata R. e Vidal, Leandro M. A cidade contra a Ilha: aspectos da urbanização contemporânea de Florianópolis. <http://xiisimpurb2011.com.br/app/web/arg/trabalhos/6671fcd60a86451177ef975fcd5ff5ce.pdf>, acesso em julho de 2014.

¹⁸ Segundo o diretor executivo do Sapiens Park, José Eduardo Fiates, em entrevista concedida ao Jornal Diário Catarinense: “o parque tem uma área total de 4,3 milhões de metros quadrados, que equivale a cerca de 450 campos de futebol, o condomínio - com ênfase em quatro segmentos: empresa de tecnologia, serviço, turismo e empreendimentos públicos com caráter inovador - deve apresentar um salto no próximo ano. O número de funcionários, que hoje é de 200, deve chegar a 3 mil em 2014. E a quantidade de empresas, 20, somando às que devem se instalar em breve, chegará a 30. Mas o que mais surpreende são as expectativas para os próximos 10 anos, quando espera-se a conclusão de todas as fases de desenvolvimento do parque. Serão então cerca de 30 mil pessoas trabalhando em 400 empresas instaladas.” <http://diariocatarinense.clicrbs.com.br/sc/economia/noticia/2013/12/sapiens-parque-promete-dar-um-salto-de-desenvolvimento-em-2014-4368207.html>. Acesso em agosto de 2014.

Verifica-se então que, desde a década de 1980, tem-se registrado na região metropolitana de Florianópolis um declínio das atividades da agricultura e da pecuária, o que, por um lado, tem propiciado a regeneração de parte da vegetação extraída ao longo do tempo. Por outro lado, novas ameaças pairam sobre o meio ambiente da Ilha. Atualmente “a principal ameaça à mata Atlântica na Ilha é a expansão urbana, uma vez que as “derrubadas” e “queimadas” para a abertura de pequenas roças, são pouco expressivas.¹⁹ Desta forma, a relação existente, nas quatro últimas décadas, entre urbanização e transformação dos usos da terra, com novos e mais impactantes consequências ao meio ambiente, ficará evidente na Ilha de Santa Catarina.

Na Ilha de Florianópolis do tempo presente, novas práticas, reelaborados por muitos daqueles que tiveram suas famílias ligadas aos usos agrícolas da terra, resinificam suas formas de lidar com a terra e, muitas vezes, mesmo não mais tirando da terra sua subsistência, criam novos sentidos para os vínculos com a mesma e, promovem novas relações de homens e mulheres com o meio ambiente. Em parte, estes novos usos, tem permitido minimizar os efeitos da especulação imobiliária e da degradação ambiental decorrentes destes processos de urbanização e ocupação do solo.

Este tipo de análise que está proposto nesta reflexão tem suas bases ancoradas nos debates da história ambiental. Donald Worster, um importante teórico neste assunto, nos chama a atenção para a urgência de buscar análises historiográficas que levam em consideração o papel e o lugar da natureza na vida humana. Worster propõem três níveis de interpretação para as análises que buscam tratar das relações entre sociedade e ambiente. Dentre estas, este estudo privilegia dois. O primeiro busca perceber as relações construídas entre os povos e suas formas de produzir bens a partir dos recursos naturais. O segundo, diz respeito às formas pelas quais os seres humanos constroem seus valores, representações, ideologias, em relação ao mundo natural.

Assim, este estudo busca perceber como as transformações urbanas impactaram, transformaram, as relações entre as comunidades e os usos da terra, e mais, como estes novos usos construíram

¹⁹ Guerini, Eduardo. *Metropolização e impactos socioambientais em Florianópolis (1986-1996)*. Dissertação de Mestrado em Sociologia Política (Florianópolis, UFSC, 2000), 61.

diferentes significados para as relações entre os homens e o meio ambiente. E ainda, em que medida estes novos usos podem trazer uma relação mais equilibrada entre urbanização e meio ambiente?

Débora Lima em seu estudo sobre a urbanização e os impactos ambientais na Ilha de Santa Catarina destaca que desde os anos 1970 foi estabelecida uma agenda internacional de debates sobre os efeitos do desenvolvimento no meio ambiente. A autora coloca que o movimento ambientalista, desde 1972, tem apresentado três formas de pensar a questão: a economicista, que pensa ser necessário apenas minimizar os efeitos do crescimento econômico no meio ambiente; a ecologista, frequentemente em tom alarmante, defende a preservação como um fim em si mesmo; e, a abordagem da sustentabilidade, que defende o uso dos recursos naturais de uma forma a não comprometer as gerações futuras.²⁰ Ainda que a terceira abordagem possa levar a repensar as relações entre homem e ambiente é preciso cautela para não construir uma visão que se pretenda hegemônica, que traga respostas prontas aos problemas ambientais decorrentes do crescimento urbano, sobretudo deve-se ter cuidado para não ignorar o fato de que, as cidades e seus processos de transformações, são fruto da experiência humana.

É fato que a década de 1960 é momento de emergência de uma série de movimentos que questionavam os moldes da sociedade capitalista de mercado. Movimentos em prol dos direitos das mulheres, dos jovens, das minorias étnicas e também questionamentos aos modelos agrícolas decorrentes da chamada “revolução verde”. É neste contexto que surge a chamada agricultura urbana.

Teixeira traz algumas considerações bem pertinentes sobre o que podemos considerar como sendo “agricultura urbana”:

Movimento este que procura não só a obtenção de alimentos variados e de qualidade, mas também serve para a manutenção de um conhecimento muito específico de práticas agrícolas e alimentares. Pode ser considerado como uma resistência aos padrões impostos para o desenvolvimento rural e social, permitindo diversas formas de trocas, diretas ou indiretas entre seus membros, podendo (...) proporcionarem um espírito de coesão e solidariedade entre os membros [...]²¹

²⁰ Lima, *Ilha se Santa Catarina: desenvolvimento urbano e meio ambiente*, 35 – 39.

²¹ Teixeira, Camilo. *Agricultura urbana no bairro Areias do Campeche no município de Florianópolis (2004 – 2010)*. Monografia de Graduação em História (Florianópolis, UDESC, 2011), 23.

Entre as novas formas de usos da terra na Ilha de Santa Catarina estão aquelas que podemos inserir na esfera da agricultura urbana.

Verificamos hoje, em diferentes lugares da Ilha, a prática da agricultura realizada através de experiências de plantio sem o uso de aditivos químicos. Esta assume importância fundamental na busca de relações mais equilibradas entre sociedade e ambiente na medida em que, proporciona o aumento da qualidade de vida, através da oferta de alimentos saudáveis e, permite a manutenção de famílias junto a terra, contribuindo para o fortalecimento dos laços de pertencimento a uma dada comunidade e a certos elementos de identidade cultural.

Ratones é um Distrito que fica na região Norte da Ilha, distante 25 quilômetros do centro da cidade, com uma população atual de 3700 moradores, têm suas terras divididas entre casas luxuosas de condomínios sofisticados e terrenos destinados ao plantio de orgânicos. Edson Rosa, jornalista do Jornal Notícias do Dia publicou matéria com destaque para a atividade rural no Distrito em questão:

[...] o agricultor aposentado Odilon Francisco Alves, 72, descarta os pés de alface que já passaram do ponto. No canteiro ao lado, as novas mudas esperam o momento do transplante ao lado das rúculas, couves, salsinhas e cebolinhas cultivadas com adubo orgânico produzido pelo próprio gado leiteiro e, mais tarde, expostas nas gôndolas de supermercados de Jurerê. Para a vizinhança, a venda na própria horta onde são colhidos 1.200 pés de alface por semana rende preços bem mais em conta em comparação às feiras da região. Sem adubação química, a irrigação com água pura captada em nascentes nos fundos do terreno é outra garantia de qualidade.²²

Aqui aparecem de forma evidente que as transformações nos usos da terra sofrem influência direta dos discursos que emergem dos movimentos ambientalistas contemporâneos, como aqueles que na atualidade debatem a importância de consumir alimentos sem o uso de aditivos químicos e, proclamam a necessidade de se repensar as relações entre campo e cidade.

²² Rosa, Edson. "Lida rural no meio urbano", *Jornal Notícias do Dia*, setembro (2014): 28.

Ao mesmo tempo em que o Distrito de Rationes tem recebido novas atenções com vistas a promover a divisão do solo com usos que atendem a moradia, esta urbanização recebe influência do rural que, reelaborado, troca experiências com o urbano.

É pertinente destacar também que a partir dos anos 1990 alguns estudiosos do tema passaram a fazer uso de uma nova categoria chamada “rurbano” ou ainda, “rurbanidade”. Gustavo Cimadevilla, professor do departamento de Ciências da Comunicação na Argentina publicou um texto muito interessante sobre isto. Neste, o autor afirma que as leituras que hoje reconhecem as ruralidades como algo plural e que percebem os processos de urbanização do rural como fatos que popularizaram o uso da categoria “rurbanidade”, não dão a devida atenção às emergências da ruralização do urbano e ao estudo da interpenetração dos contrários.²³ Aqui, mais uma vez, um autor que apresenta como as categorias conceituais são criadas e estão envoltas em diversos processos e debates intelectuais que exigem do pesquisador o cuidado de revisitar e analisar tais questões. Localizando o uso do termo “rurbano” nos debates da década de 90 Cimadevilla defende que a penetração do “urbano” no “rural” implica também no seu contrário e complementa afirmando que a rurbanidade a que se refere, é resultante de um diverso processo de interpenetração e coexistência de contrários.

A importância e a pertinência de trazer esta discussão para Florianópolis residem no fato de que as transformações vivenciadas na Ilha de Santa Catarina a partir da década de 70 encobertas por discursos que proclamavam a necessidade de tornar a cidade uma capital “moderna”, “desenvolvida”, construíram uma imagem homogênea que proclamava e ainda o faz, nos jornais e nos meios de comunicação em geral, a emergência de uma Florianópolis que a cada dia torna-se mais “urbana” e apaga suas marcas de ruralidade. Estas imagens, muitas vezes hegemônica, tornam invisíveis outra cidade, esta marcada pela reelaboração constante que os diferentes agentes sociais fazem de suas relações com os espaços e com as formas de significar um rural hoje muito mais próximo do urbano.

²³ Cimadevilla, Gustavo. “De ladicotomia urbano-rural a la emergência rurbana: momentos y movimientos”, *Esboços - Revista do programa da Pós-graduação em História da UFSC*, n. 13, v. 13, Florianópolis, Brasil, 2004, 50.

A proximidade cada vez maior entre os mundos rural e urbano na Ilha de Santa Catarina não está conduzindo a um esfacelamento das experiências de ruralidade. As trocas cada vez mais intensas tem sido responsáveis pela emergência de ruralidades transformadas e ressignificadas.

Mesmo com a diminuição de áreas agrícolas observa-se, na Ilha de Santa Catarina, que o cultivo agrícola em quintais continua ser realizado. Uma pesquisa feita por Camilo Teixeira entre os anos de 2004-2010, no bairro Arejas do Campeche trouxe à vista a presença da agricultura entre os moradores nos referidos bairros. O trabalho buscou perceber os vínculos dos moradores com a agricultura e com a ONG CEPAGRO, instituição criada em 1990 com objetivo de trabalhar em áreas urbanas e rurais, principalmente a partir da educação Ambiental. Entre suas conclusões:

Outra motivação para as famílias plantarem em seus quintais está relacionada à qualidade dos alimentos, ou seja, à soberania e a autonomia alimentar, que é uma das propostas do CEPAGRO e da agroecologia como um todo. Todavia creio que esta motivação é anterior a chegada do CEPAGRO na comunidade, uma vez que, até mesmo pela cultura agrícola destas pessoas, este fato possa ser considerado como natural.²⁴

Esta comunidade, centrada no bairro Areias do Campeche, foi apresentada na pesquisa como sendo formada por famílias de baixa renda, sendo o desemprego um dos problemas que afetam o local. Sendo assim, fica claro que para estas famílias, a agricultura feita nos quintais é de suma importância para a subsistência dos grupos e para a garantia de uma alimentação saudável. Sabemos que o acesso a produtos orgânicos, sem a presença de aditivos químicos, ainda é bastante limitada a determinados grupos econômicos. Estes podem consumir um produto com valor de mercado ainda alto em decorrência de sua escala de produção e capacidade de oferta. Tirando as exceções das feiras de produtos orgânicos organizadas por ONGs ou por cooperativas, os produtos orgânicos encontrados nas prateleiras dos grandes supermercados de Florianópolis, ainda apresentam preços superiores aos produtos obtidos pela agricultura tradicional, feita com uso de aditivos químicos.

²⁴ Teixeira, *Agricultura urbana no bairro Arejas do Campeche no município de Florianópolis (2004-2010)*, 58.

O pesquisador Rubens Nodari tem, nos seus estudos, trazido alertas sobre os danos causados à saúde e, ao meio ambiente, decorrentes da utilização dos agrotóxicos. Nodari destaca que o uso dos agrotóxicos tem causado efeitos adversos ao meio ambiente e criado situações de risco à espécie humana e aos animais em geral.²⁵

A agricultura urbana feita sob o prisma da agroecologia torna-se um elemento transformador das relações homem e ambiente. Na Ilha de Santa Catarina ela tem servido, como vimos nos exemplos anteriores, para redesenhar as relações homem e usos da terra.

Ainda sob esta perspectiva, antigos cultivos da Ilha, o caso das plantações de café, tem sido alvo de novas práticas com vistas à reafirmação da diversidade cultural e ambiental da região. Um projeto recentemente aprovado pela Fundação Catarinense de Cultura, intitulado “Saberes e Cantares” tem como objetivo apresentar as gerações atuais “velhos costumes” ligados à vida rural da Ilha. A matéria do Jornal Notícias do Dia destaca:

Sorridente como sempre, a aposentada Rosinha dos Santos Cruz, 79, cantarolava entre um sopro e outro para separar as amêndoas secas das últimas palhas, enquanto explicava com paciência para as crianças ao redor mais uma das etapas do processo artesanal de moagem e torrefação do café sombreado, cultivado de forma sentimental por moradores do interior da Ilha.²⁶

É, através de projetos, com a difusão de saberes e fazeres, através do compartilhamento de experiências entre distintas gerações, entre moradores antigos e novos, é que vem à tona a diversidade cultural presente na Ilha, com práticas culturais ligadas aos índios, aos negros, aos açorianos. Hoje, essas vivências de um mundo rural são resinificadas, transformadas pelo contato com a urbanização. Esse intercâmbio entre o rural e o urbano permite reelaborar as relações homem e ambiente e, podem servir, para construir estratégias que minimizem os efeitos de degradação, vinculados a ampliação dos usos da terra decorrentes do crescimento da população, da urbanização, da especulação imobiliária.

²⁵ Nodari, Rubens O. “Risco à saúde dos seres vivos advindo dos agrotóxicos – ênfase dos herbicidas”, *Agrotóxicos: a nossa saúde e o meio ambiente em questão: aspectos técnicos, jurídicos e éticos* (Florianópolis: FUNJAB, 2012) :112.

²⁶ Rosa, *Lida rural no meio urbano*, 28.

Em busca de respostas para as questões que afligem homens e mulheres na contemporaneidade em relação às transformações ambientais decorrentes das transformações das relações homem-natureza, torna-se pertinente as palavras de Donald Worster: “Nós não temos mais a natureza em algum tipo de estado atemporal de perfeição, nem temos uma revelação nem uma autoridade dos quais depender. Desse passado em constante mudança, e só dele, nós devemos, de algum modo, tirar, com o auxílio da razão imperfeita, o que nós valorizamos e devemos defender.”²⁷

²⁷ Worster, Donald. “Para fazer história ambiental”, *Estudos Históricos* 4(8): 384, 1991.